

A VARIAÇÃO NA MARCAÇÃO DE PLURAL NOS SINTAGMAS NOMINAIS (SNs) NA FALA DE INFORMANTES DE DUAS COMUNIDADES TOCANTINENSES

Cícero da SILVA (Universidade Federal do Tocantins)

RESUMO: Nesta pesquisa, investigamos a variação na marcação de plural nos sintagmas nominais (SNs) na fala de informantes de duas comunidades Tocantinenses: Palmeirante-TO e Pequizeiro-TO. Trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica e de campo, fundamentada nos princípios teóricos da sociolinguística quantitativa variacionista (LABOV, 2008). O *corpus* é constituído de dezesseis gravações de sessenta minutos cada uma com dezesseis falantes desses municípios. Os resultados apontam para marcação de plural nos SNs em algumas direções, bem como: as mulheres tendem a utilizar mais a variante padrão; há maior aplicação da marcação de plural pelo grupo com até 8 anos de escolaridade; os informantes mais jovens usam mais a variante padrão. A partir dos resultados obtidos, nota-se que o fenômeno de variação na marcação de plural nos SNs está condicionado por fatores sociais e linguísticos.

PALAVRAS-CHAVE: Variação. Marcação de plural. Sintagma nominal. Tocantins.

1 Introdução

A partir da divulgação das primeiras pesquisas realizadas por Willian Labov (2008), cujo modelo teórico-metodológico abordou questões que caracterizou o inglês falado na ilha de Martha's Vineyard, no Estado de Massachusetts, Estados Unidos, a sociolinguística ganhou adeptos e importância em vários países, pois hoje já existem vários estudos sobre o inglês, o francês, o espanhol, o português, etc. Assim, já foram realizados vários estudos sobre o Português brasileiro (doravante PB) falado em quase todas as regiões do país. Hoje, podemos contar com um conjunto de dados bastante significativos, os quais revelam características conclusivas a respeito da variação e sobre o funcionamento da língua oficial do Brasil.

Mas, independentemente dessa realidade investigativa e da dimensão continental do território brasileiro, os estudos sociolinguísticos também precisam se tornar realidades em comunidades localizadas nos rincões mais distantes do território nacional, pois há muito a pesquisar e descobrir sobre o PB, que teve sua constituição num universo absolutamente plurilíngue.

Observando esse contexto geográfico e linguístico, nota-se que os estudos sociolinguísticos sobre o português falado no Estado do Tocantins ainda são poucos. E a maioria das pesquisas variacionistas realizadas no Estado ainda tem como foco as línguas das etnias indígenas ou o PB nas comunidades quilombolas.

Assim, a ideia de realizar um estudo sobre a variação, constatada na fala tocantinense, surgiu durante a escolha do tema para efetivar a redação de uma monografia de final de curso de Pós-Graduação da Universidade Federal do Tocantins, Campus de Araguaína. Por tratar-se de um Estado novo, criado em 5 de outubro de 1988, apesar de ter feito parte do Estado de Goiás por mais de dois séculos, não há ainda, no geral, indícios que possam caracterizar a fala tocantinense. A priori, a existência de muitos migrantes vindos de várias regiões do Brasil tem apontado a existência de uma constituição dialetal bastante diversificada e em formação. Todavia, é possível encontrar comunidades isoladas vivendo no Estado há mais de um século, onde as grandes massas de migrantes ainda não se fixaram, como é caso das cidades de Palmeirante-TO e Pequizeiro-TO.

Assim, a realização desta pesquisa envolveu, entre outros tópicos, seleção de sujeitos, coleta de dados, análise e discussão teórica sobre o falar dessas duas comunidades localizadas no interior do Estado do Tocantins. Desse modo, o objetivo desta pesquisa é descrever o

processo de variação na marcação de plural nos sintagmas nominais (SNs) na fala de informantes palmeirantenses e pequizeirenses, contribuindo para a descrição do PB falado no Tocantins. Além disso, é levado em consideração no estudo o processo de formação histórico-cultural dessas comunidades tocantinenses para entender o fenômeno da variação linguística.

2 Fundamentação teórica

A concepção de língua, como uma expressão social, já que é parte integrante da cultura de um povo, só vai ganhar importância entre os linguistas após o Estruturalismo saussureano (LYONS, 1987). Nessa fase, isto é, início do século XX, a língua vista como sistema abstrato firma-se como método teórico-metodológico dos estudos linguísticos. A partir do momento em que são analisadas algumas ideias de Ferdinand Saussure, especialmente aquela que ele descreve a noção de língua e suas dicotomias (diacronia e sincronia), vão surgir conflitos em relação às ideias de outros linguistas que têm a concepção de língua enquanto mecanismo variacional e uso concreto.

Para Calvet (2002, p.14), o primeiro linguista a ter conflito frente às ideias saussureanas foi o francês Antoine Meillet (1866-1936), quando este discorre sobre o polêmico conceito de que “a linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”, presente no final da obra *Curso de linguística geral*, de Ferdinand Saussure. Para Meillet, essa afirmação reconhece como verdadeiro o caráter social da língua, porém transforma em outra coisa, uma espécie de linguística que estuda a língua como sistema fechado, isolado da comunidade de fala. Assim, o problema que se vai arrastar por mais de meio século é o fato do estruturalismo linguístico ter sido estabelecido sem levar em consideração o que existe de social na língua, que na visão de Calvet, a explicação da estrutura linguística dá-se pela história, pois “Enquanto Saussure busca elaborar um modelo abstrato de língua, Meillet se vê em conflito entre *fato social* e o *sistema que tudo contém*: para ele não se chega a compreender os fatos da língua sem fazer referência à dicotomia, à história.” (CALVET, 2002, p. 14)

Essa ideia passa-nos a noção de língua como fato social, concebida pela sociedade, o que seria anti-saussureano, pois apesar de Saussure reconhecer que a língua é um sistema elaborado pela comunidade de fala, é somente nela que ele a considera social. Portanto, contrariando esse ponto de vista, Meillet (o qual foi um dos grandes discípulos de Saussure) defende que em um estudo da estrutura linguística é preciso unir estrutura e história, já que a língua é um fato social, pois é do seio social que ela brota. Surge, então, a linguística moderna.

Mas os estudos linguísticos não vão parar por aí. Esses dois discursos vão estender seus ecos até os anos 1950 e 1960, de forma calorosa entre os linguistas, até o Gerativismo chomskyano ganhar alento e terreno. Contudo, o fervor desta nova teoria de estudo da língua(gem) vai ser muito restrito ao estudo da frase, o que significa dizer que era mais um estudo abstrato da língua(gem), pois Lyons (1987, p. 211) define-o como “(...) uma versão particular do estruturalismo”. Desse modo, aos estudos gerativistas vai interessar mais aquilo que as línguas possuem em comum, apontando-se certa tendência à gramática universal. Na prática, essa visão teórica de estudo de língua não comungava com a visão de Meillet, ou seja, com uma linguística de caráter social. Mas, finalmente, entra em cena o linguista William Labov, o qual irá defender contundentemente que a linguística é uma ciência social. A partir daí, floresce e frutifica a Sociolinguística, embora não se possa negar que essa nova linha de pesquisa da linguagem já havia aflorado muito cedo, isto é, a partir dos embates teórico-metodológicos entre Saussure e Meillet.

E foi confrontando os estudos linguísticos saussureanos e meilletanos que Labov procurou segmentar a sua teoria variacionista. Ao aprofundar os estudos e as análises envolvendo o confronto entre as ideias teóricas de seus predecessores, Labov reconhece a importância da ideia que Meillet defendia, ao afirmar que a língua é um fato social. Com efeito, implicaria ainda aos estudos labovianos um aprofundamento maior acerca do método de estudo linguístico adotado por Meillet, para conceber de fato o método variacionista. E, de acordo com Calvet,

(...) Meillet, comparista de alto nível, trabalhou sobretudo com as línguas mortas, enquanto Labov trabalha continuamente com situações contemporâneas concretas, enfrenta problemas de metodologia da pesquisa, em suma, constrói um instrumento de descrição que tenta ultrapassar Meillet, integrando-os, aos métodos heurísticos da linguística estrutural (...). (CALVET, 2002, p. 33)

Assim, Labov atém-se ao fato de que é preciso formular uma nova metodologia de estudo, pois suas pesquisas envolveriam análise da língua(gem) em uso por uma comunidade de fala, e não de língua morta. Segundo Labov (2008, p. 215), “A língua é uma forma de comportamento social: (...) ela é usada por seres humanos num contexto social, comunicando suas necessidades, ideias e emoções uns aos outros.” Partindo dessa concepção, foi necessária a adoção de novos métodos de coleta de dados, envolvendo variáveis sociais e linguísticas, já que se propôs a verificar uma situação de uso real da língua.

2.1 Variação linguística

Quando falamos em termos de variação linguística, basicamente, procuramo-nos limitar ao uso de variantes constatadas nos diversos níveis da gramática de determinada língua, como a fonética, a morfologia, a sintaxe, etc. Na verdade, podemos aceitar que essa ideia é plausível e faz parte do campo de estudo da sociolinguística. Por exemplo, quanto ao léxico, encontramos a denominação de “mandioca” no Tocantins e “aipim” no Rio de Janeiro. Em nível fonológico – por exemplo, o *l* no final da sílaba é pronunciado como consoante pelos gaúchos, enquanto em quase todo o restante do Brasil é vocalizado, ou seja, pronunciado como *u*; o *r* caipira; o *s* chiado do carioca. No nível morfo-sintático – algumas pessoas conjugam verbos irregulares como se fossem regulares: “manteu”, em vez de “manteve”, “ansio” em vez de “anseio”. Certos segmentos sociais não realizam a concordância entre sujeito e verbo, e isto ocorre com mais frequência se o sujeito está posposto ao verbo (SCHRRE; NARO, 1998). Algumas palavras são empregadas em um sentido específico de acordo com a localidade de cada falante.

Além disso, Beline (2005, p. 125) afirma que “De uma perspectiva variacionista quantitativa, (...) a sociolinguística ocupa-se em desvendar como a heterogeneidade – ou seja, a variação – se organiza”. Em outras palavras, pode-se afirmar que é por meio de um estudo sociolinguístico que se procura constatar e compreender de que modo a variação é regulada, de que modo ela é condicionada por fatores sociais.

Retomando essa ideia, na concepção de Tarallo (1990, p. 8) ‘variantes lingüísticas’ são as diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, mantendo-se o mesmo valor de verdade. Assim, a variação manifesta-se tanto em nível de grupo como no nível individual. No caso atual do português brasileiro, observando os resultados de uma pesquisa envolvendo a variação na marcação de plural nos SNs, Scherre e Naro (1998, p. 1) afirmam que: “Diferentemente do português de Portugal, o português vernacular do Brasil apresenta variação sistemática nos processos de concordância de número, exibindo variantes explícitas e variantes zero (0) de plural em elementos verbais e nominais (...)”. Essa situação

configura uma ocorrência de variação linguística na comunidade de fala observada tanto no Brasil quanto em Portugal. O exemplo citado também ilustra que, apesar disso, o uso da variante zero (0) ou não-padrão representa uma das variantes linguísticas peculiares no uso cotidiano do português brasileiro.

2.2 A marcação de plural nos sintagmas nominais (SNs)

Os nomes em Língua Portuguesa, quando tomados do ponto de vista funcional, são divididos em substantivos e adjetivos. Câmara Jr. (1996, p. 87), em uma análise envolvendo ‘o nome e suas flexões’, destaca que não há distinção de forma entre essas duas subdivisões dos nomes. Às vezes, em determinados contextos, substantivos e adjetivos podem funcionar como determinado ou determinante, respectivamente. Assim, na expressão *Viajante solitário* temos *viajante* (substantivo/determinante) e *solitário* (adjetivo/determinado), enquanto em *Homem viajante*, o vocábulo *homem* (substantivo/determinante) e *viajante* (adjetivo/determinado). Ou seja, em cada um dos empregos, o vocábulo *viajante* tem um valor funcional, sendo evidente essa distinção.

Além disso, tradicionalmente os nomes no português vão sofrer variação em gênero, número e pessoa, conforme a função que exercerem – determinante ou determinado. Neste estudo, delimitamos como unidade linguística de análise a questão da marcação de “número”. Bechara (1976, p. 76), discorrendo sobre plural dos nomes, afirma que o português possui dois números gramaticais: *singular* e *plural*, sendo que o singular indica um objeto ou coleção em si; já o plural denota-os indicando mais de um. Na visão de outros linguistas, essa ideia não é diferente. De acordo com Dubois et al. (1998, p. 470), o plural é um caso gramatical de categoria do substantivo, representando a pluralidade nos nomes contáveis: *casas* está no plural, o que representa ‘mais de uma’. Mas é importante ressaltar também que há nomes escritos no singular que exprimem a pluralidade, como os coletivos: *constelação*, *canavial*, *comboio*, entre outros de igual natureza. Por outro lado, mais raramente encontramos a singularidade em certos vocábulos, a saber: *óculos*, *lápis*, *ônibus*, e outros.

Ao se realizar um levantamento sobre a marcação de plural em língua portuguesa, verificam-se vários processos utilizados para isso. Mas, no geral, o morfema flexional marcador de plural na língua oficial do Brasil tem sua representação fonológica com [s], oposto a um [0] (CAMARA Jr., 1996, p. 93). Ademais, no Português falado no Brasil, a marcação de plural ocorrerá tanto no sintagma nominal (SN) como no sintagma verbal (SV). Neste estudo, o elemento a ser analisado é a marcação de plural no SN.

A partir de uma análise dos elementos gramaticais de uma frase, como “*Nossa vida é um dilema*”, Perini (1996, p. 92) afirma que: “O sintagma pode ser definido de maneira muito simples: é o sintagma que pode ser sujeito de alguma oração.” Desse modo, *nossa vida* é um sintagma nominal porque é sujeito da oração. Mas *um dilema* também é sintagma nominal, porque apesar de não ser sujeito da oração mencionada, pode ser sujeito em uma oração como “*Um dilema ronda a cidade*”. Aparentemente, tal definição parece ser simples. Todavia, é preciso tomar bastante cuidado quando se vai operar com sintagmas nominais no plural, tanto na modalidade oral quanto escrita da língua. Além desse detalhe, o sintagma nominal pode trazer como núcleo um nome ou um pronome substantivo. Segundo Tarallo (1990, p. 9), o plural no português é marcado redundantemente ao longo do sintagma nominal: no determinante, no nome-núcleo e nos modificadores-adjetivos. Diante disso, as construções frasais que fugirem a essa regra de marcação de plural representam uso de uma variante não-padrão do português.

3 Metodologia e coleta de dados

A coleta de dados da pesquisa seguiu a metodologia da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008; TARALLO, 1990), a fim de possibilitar a comparação de resultados entre as variedades linguísticas. É importante ressaltar ainda que em função de ser um estudo de cunho sociolinguístico variacionista, a seleção dos sujeitos para pesquisa obedeceu as variáveis sociais de sexo, faixa etária e escolaridade. Assim, nosso banco de dados é constituído por dezesseis gravações (em fita K7) de sessenta minutos cada uma com dezesseis informantes, estratificados em função dos anos de escolarização (1 a 4 anos; 5 a 8 anos), da faixa etária (25-50 anos; acima de 50), e do sexo (feminino e masculino):

Tabela 1. Estratificação social da amostra

	Até 4 anos de escolaridade (Fundamental I)				Até 8 anos de escolaridade (Fundamental II)			
	Palmeirante		Pequizeiro		Palmeirante		Pequizeiro	
	25 a 50 anos	Mais de 50 anos	25 a 50 anos	Mais de 50 anos	25 a 50 anos	Mais de 50 anos	25 a 50 anos	Mais de 50 anos
Masc.	1	1	1	1	1	1	1	1
Fem.	1	1	1	1	1	1	1	1

Fonte: Elaboração do autor, Colinas, 2010.

Foram entrevistadas pessoas que, em sua maioria, eram agricultores, donas de casas, comerciantes, políticos e estudantes. Para participar da pesquisa, o informante deveria: I - ser tocaninense; II – ter nascido e vivido a maior parte de sua existência em Palmeirante ou Pequizeiro, ou melhor, não ter vivido mais de um ano fora do município de Palmeirante ou Pequizeiro.

A unidade linguística que analisamos – marcação de plural nos sintagmas nominais – foi extraída de dois *Corpora* apresentados na tabela 1. O *corpus* I¹ foi composto de dados de oito gravações de sessenta minutos cada uma, realizadas entre 27/11/2005 e 07/01/2006 com oito informantes de Palmeirante-TO (Cf. SILVA, 2006). Já o *corpus* II² traz dados de oito gravações de sessenta minutos cada uma, realizadas entre 17/06/2009 e 10/09/2009 com oito informantes de Pequizeiro-TO (Cf. SILVA, 2009).

Ao transcrever as entrevistas, foram excluídos os dez minutos iniciais e os dez finais, pois é fundamental que o pesquisador desconsidere principalmente os dez minutos iniciais de uma entrevista, já que é o tempo necessário para que ele envolva o informante e que este esqueça a presença do gravador e da pessoa do pesquisador. Foram extraídos da amostra todos os enunciados que apresentavam a unidade em análise, marcação de plural nos sintagmas nominais. Atentou-se também para a questão do conteúdo, perfil do informante, e, quando necessário, foram observados, na análise, outros dados sociais do informante. Embora o mercado ofereça *softwares* especializados para realização de cálculos estatísticos dos dados de pesquisas sociolinguísticas, neste estudo não foi possível usar nenhum *software*, o que não nos permite apresentar pesos relativos nas tabelas, apesar de ser uma informação a mais para o estudo. Assim, calculamos apenas os percentuais das ocorrências.

¹ É importante ressaltar que os dados do *corpus* I foram coletados durante a produção da minha monografia intitulada: “**Processo de variação e mudança na fala de uma comunidade tocaninense: um estudo preliminar**”, vinculada ao curso de Especialização *Lato Sensu* em Leitura e Produção Escrita, da Universidade Federal do Tocantins – UFT. Esta pesquisa foi orientada pela Profª Drª Maria Marlene Ogliari - UFRPE.

² Os dados do *corpus* II foram coletados durante a produção de uma monografia de conclusão de curso intitulada: “**A variação na marcação de plural nos sintagmas nominais na fala de sujeitos residentes em Pequizeiro-TO**”, vinculada ao curso de Letras, da Faculdade Integrada de Ensino Superior de Colinas do Tocantins – FIESC. Como docente desta IES, orientei todo o trabalho de pesquisa.

3.1 A comunidade de fala tocantinense

Segundo Cavalcante (1999, p. 30), as primeiras invasões no norte goiano de que se têm notícias mais precisas datam do século XVII. Partiram inicialmente do bandeirismo paulista, ocasião em que o bandeirante Beuchior Carneiro, em 1607/1609 atingiu essa região, seguido por Martin Rodrigues em 1608/1609. Na verdade, o grande vazio demográfico que constitui o atual Estado do Tocantins só teve a formação dos primeiros núcleos de povoamento em função da descoberta do ouro no século XVIII pelos bandeirantes. Mas os arraiais que surgiam próximos às minas de ouro, na maioria das vezes, eram abandonados após o esgotamento desse minério. Vale lembrar também que a maioria dessas minas estava localizada na atual região Sudeste do atual Tocantins (em Natividade, Arraiais e Almas), o que favorecia a ligação com a Bahia e Sul de Goiás. Desse modo, o Norte Goiano tinha pouca importância para o governo da Capitania de Goiás.

Para Aquino (2004, p. 339), o Norte de Goiás (hoje Tocantins) ao longo dos anos foi construindo uma identidade própria, mas contando com uma composição étnico-cultural de larga influência de estados nordestinos, notadamente Maranhão, Piauí e Bahia. Assim, a chegada da BR-153, durante o governo JK (1956-1961), representa, de maneira definitiva, a ocupação dos sertões do Norte Goiano. Ou seja, é também a partir desse período que vão ocorrer grandes transformações sociais, políticas e econômicas na região. Portanto, a criação do Estado do Tocantins só vai acontecer definitivamente em 5 de outubro de 1988, bem como a emancipação de alguns distritos no mesmo período, como Palmeirante e Pequizeiro.

O município de Palmeirante está localizado à margem esquerda do rio Tocantins, na região Norte do Tocantins, a 339 km da capital Palmas-TO. Sua população estimada pelo IBGE em 2004 era de 3.643 habitantes. Possui uma área de aproximadamente 2.641 km². Seu nome é atribuído ao grande número de uma palmeira típica do lugar – o babaçu. Surgiu no final de década 1920, mas só é emancipado por meio da lei estadual nº 498, de 21/12/1992.

Já Pequizeiro tinha uma população estimada pelo IBGE, em 2004, de 5.170 habitantes. A origem do nome Pequizeiro é devido à grande quantidade de árvore de Pequi que existe na região. Essa árvore servia de pousada para os viajantes e negociantes de cristal que viajavam em comitiva no trajeto entre os rios Tocantins e Araguaia. Possui uma área de 1.210 km². Nasce com um garimpo de cristal em 1943, mas só é emancipado através da Lei Estadual 4.595, de 01/01/1963. Perde a autonomia de sede municipal em 1980 para Colméia e volta a ser emancipado em 1987, de acordo com a Lei Estadual nº 10.397. No entanto, só foi reinstalado em 1º de junho de 1989, no primeiro ano da criação do estado do Tocantins.

3.2 Análise dos dados

Conforme foi pontuado anteriormente, a unidade em análise neste estudo é a marcação de plural nos SNs do Português falado no Brasil (doravante PB), especificamente nas comunidades de Palmeirante-TO e Pequizeiro-TO. Trata-se de um processo de variação que ora ocorre com esse idioma, e que acreditamos ser um estudo de grande importância para tomarmos conhecimento desse fenômeno neste momento na fala de cidadãos tocantinenses.

Mas antes de fazermos ou apresentarmos qualquer avaliação acerca dos resultados, urge apresentarmos uma descrição minuciosa dos elementos que compõem os SNs selecionados para serem analisados e presentes nas falas desse grupo de informantes palmeirantenses e pequizeirenses. Silva e Koch (2000, p. 16) afirmam que o sintagma nominal (SN) pode ter como núcleo um nome (N) ou um *pronome substantivo* (pessoal, demonstrativo, indefinido, interrogativo, possessivo ou relativo). Já o determinante (doravante

D), quando *simples*, poderá ser representado por um *artigo*, *numeral* ou *pronome adjetivo*, como nos seguintes casos:

- (1) “**As** coisas foram se evoluindo.” (FBIIPT³)
- (2) “**Essas** coisas que na fazenda não tinha.” (FBIIPT)
- (3) “Nós somos **seis** irmãos”. (FAIIPT)
- (4) “**Todas as** coisas da fazenda eu sei fazer.” (MAIIPT)
- (5) “Aí **os primeiro** morador que existiram aqui.” (MAIIPT)
- (6) “**Esses outros** estados tem esse tipo de divisa.” (MBIIPT)

Nessas ocorrências, temos em (1) o artigo “as”; em (2) o pronome “essas” e em (3) o numeral “seis”, todos funcionando como determinante simples do SN. Além disso, podemos encontrar o *determinante complexo*, formado por mais de um elemento, sendo: o *determinante* (elemento-base), o *pré-determinante* e o *pós-determinante*. Segundo Silva e Koch (2000, p. 17), o *artigo* e o *demonstrativo* funcionam como *elementos-base* de um determinante complexo em português, como nos exemplos (4), (5) e (6). Assim, temos o artigo “as” em (4), “os” em (5) e o demonstrativo “esses” em (6) funcionando como elementos-base dos SNs. Mas é importante lembrar que não havendo nem artigo, nem demonstrativo, um pronome possessivo pode exercer a função de elemento-base de uma frase. Já os *pós-determinantes* podem ser formados pelos *numerais* e *possessivos*, enquanto que os *pré-determinantes* podem ser *expressões indefinidas*. Desse modo, em (4) “todas” é um *pré-determinante*, sendo que “primeiro” em (5) e “outros” em (6) são *pós-determinantes*.

Observando ainda a estrutura e a composição de um determinante complexo presente nos *corpora* desta pesquisa, notamos que esse tipo de ocorrência é raro ou inexistente nos SNs presentes na fala de alguns informantes, pois o que predomina é o *determinante simples* (determinante + nome). Isso é um fato que merece um estudo mais detalhado, não sendo possível realizá-lo aqui. Além disso, eliminamos todas as elipses dos *corpora*, pois apesar de não serem tão frequentes, representam uma estrutura que exige um estudo mais específico, já que envolvem diretamente os verbos.

Ao tabular os elementos dos SNs neste estudo, consideramos os determinantes simples e compostos para fins de cálculo das ocorrências de marcação de plural no determinante (D). Mas quando a frase apresentou um *pré-determinante* ou um *pós-determinante* com marcação de plural [0], ela foi desconsiderada dos *corpora*. Acreditamos que isso não prejudicou os resultados, pois o percentual desse tipo de ocorrência é considerado inexistente.

Cabe-nos também esclarecer ao leitor que neste estudo variacionista, envolvendo especificamente a situação de marcação de plural nos SNs, o modelo adotado para análise dos *corpora* é a norma culta padrão, tanto da modalidade oral quanto da escrita do PB. Assim, todos os SNs que se apresentaram totalmente no singular foram excluídos deste estudo. Desse modo, será considerado no plural aquele SN que tiver algum de seus elementos representando pluralidade ou com marcação [s]; como MP (marcou plural) e quando todos os elementos do SN (Determinante (pré-determinante + pós-determinante) + Nome + Adjetivo) tiverem marcação [s]. Caso algum destes elementos tragam marcação [0], esse SN será tabulado como ÑMP (não marcou plural). Ou seja, ÑMP representa uma variante da forma padrão no plural do PB. Além disso, o SN com marcação de plural exercendo a função de sujeito ou complemento verbal só será tabulado quando possuir no mínimo dois elementos, ou seja, um determinante mais um nome. Entende-se assim que um SN poderá estar anteposto ou

³ **Legenda 1: As abreviaturas** usadas para identificar as frases correspondem aos dados sociais dos informantes: *Sexo*: M – Masculino / F – Feminino; *Faixa etária*: A – de 25 a 50 anos / B – mais de 50 anos; *Escolaridade*: I – Fundamental I (até 4 anos de escolaridade) / II – Fundamental II (até 8 anos de escolaridade); *Residência do informante*: PT – Palmeirante-TO / PZ – Pequiizeiro-TO.

posposto ao verbo, para que faça parte dos *corpora*. Assim, foi possível formar dois *corpora* com um total de **948** ocorrências de SNs no plural, a partir da transcrição das 16 entrevistas.

Considerando que os falantes utilizam-se da variante não-padrão [0] restando-se o [s], variação que se manifesta com grande força no PB falado atualmente, especialmente em domínios sociais que permitem o uso linguístico não-formal, nesta pesquisa só operamos com SNs que estão no plural. De acordo com Tarallo (1990, p. 12), “(...) no caso da marcação de plural no português do Brasil, a variante [s] é padrão, conservadora e de prestígio; a variante [0], por outro lado, é inovadora, estigmatizada e não-padrão”. Embora exista essa explicação caracterizando o uso padrão *versus* não-padrão, o uso da variante [0] parece ser uma tendência do PB (SCHERRE; NARO, 1998, p. 1), pois veremos nesta pesquisa que os resultados mostram uma maior frequência de uso da variante não-padrão na fala tocantinense. Assim, temos algumas ocorrências que ilustram isso na fala de alguns informantes:

- (07) “AS festa**0** é diferente da nossa época.” (FBIPZ)
 (08) “Minha**S** filha**0** tão lá.” (MAIPT)
 (09) “Ele contava com aquele**S** voto**S**.” (FAIPZ)
 (10) “AS terra**0** aqui é fraquinha**0**.” (MAIPT)
 (11) “OS aluno**S** tomavam água no córrego.” (FBIPZ)
 (12) “OS estudo**0** tão muito crescido**0**.” (MBIPT)

Se observarmos com acuidade o uso oral da língua(gem) no cotidiano, essas ocorrências evidenciam a variação por que passa o PB, tendo em vista que a tendência é a marcação de [s] apenas no determinante dos SNs, como ocorreu em (7), (8), (10) e (12). Vejamos agora os dados do *corpus* I na tabela 2:

Tabela⁴ 2. Percentagem de MP e ÑMP nos SNs na fala de 8 informantes de Palmeirante-TO, de acordo com as variáveis sociais

Variáveis Sociais	MP		ÑMP		Total	
	Aplic./Total	%	Aplic./Total	%	Total	%
Masculino	45/277	16,24	232/277	83,75	277	100
Feminino	71/292	24,31	221/292	75,68	292	100
De 25 a 50 anos	44/228	19,30	184/228	80,70	228	100
Mais de 50 anos	72/341	21,11	269/341	78,88	341	100
Fundamental I	35/254	13,78	219/254	86,22	254	100
Fundamental II	81/315	25,71	234/315	74,28	315	100
Total Geral	116/569	20,39	453/569	79,61	569	100

Fonte: Silva (2006, p. 35)

Como podemos observar na tabela acima, o *corpus* I é constituído a partir do cruzamento dos dados segundo as variáveis sociais, presentes na fala dos 8 informantes de Palmeirante-TO. Os resultados, ora apresentados nessa tabela, mostram por meio da variável sexo que as mulheres tendem a evitar a forma estigmatizada de marcação de plural [0] nos SNs, ao passo que com os homens isso ocorre o contrário. Ou seja, a marcação de plural [MP] pelos homens foi de apenas 16,24% e com as mulheres chegou a 24,31%. Esses resultados corroboram o que muitos estudiosos já constataram, pois a tendência é a mulher usar com maior frequência a forma que lhe traz mais prestígio social, uma vez que

Gênero, sexo pode ser um grupo de fatores significativos para processos variáveis de diferentes níveis (fonológicos, morfossintático e semântico) e apresenta um padrão

⁴ **Legenda 2:** Siglas usadas: **MP** – Marcou Plural em todos elementos do SN (variante padrão); **ÑMP** – Não Marcou Plural em algum dos elementos do SN (variante não-padrão); **SNs** – Sintagmas Nominais

bastante regular em que as mulheres demonstram pelas variantes linguísticas mais prestigiadas socialmente. (PAIVA, 2004, p. 34)

Com base na citação acima, percebe-se que o fato do gênero/sexo ser uma variável social fundamental para compreensão dos processos de variação linguística, isto parece acontecer porque as mulheres preocupam mais com o *status* social linguístico, ou seja, muitas pesquisas têm mostrado que elas são mais conscientes e delicadas que os homens ao se tratar de atitudes que envolvem a fala. Por outro lado, estes tendem a adotar um estilo mais liberal, sem muita vigilância linguística no momento da comunicação.

Assim, observando também a variável faixa etária, os resultados da tabela 2 apontam para uma leve tendência à mudança linguística em Palmeirante-TO, pois está ocorrendo um declínio do uso da marcação de plural [MP] nos SNs pelos informantes que têm entre 25 e 50 anos de idade. Sabemos que não se trata de um grupo de adolescentes, mas os informantes pertencentes à faixa etária (A) marcaram plural [MP] em apenas 19,30% dos SNs, sendo que o grupo da faixa etária (B) marcou plural [MP] em 21,11% dos SNs. Não é uma diferença grande, mas esse fato mostra a preferência dos mais jovens pelo uso da variante [0] não-padrão do plural. Todavia, isso pode ocorrer não por uma questão de estilo, mas sim em função de um processo de variação que ora ocorre em algumas pesquisas sobre PB.

Além dessas duas variáveis sociais ilustradas na tabela 2, ainda temos a variável escolaridade. Esta variável foi a que mais distanciou os dois grupos de informantes: 1 a 4 anos (Fundamental I) e de 5 a 8 anos (Fundamental II). Os percentuais mostram maior intensidade de marcação de plural [MP] nos SNs pelos informantes que têm o Fundamental II do que aqueles que têm somente o Fundamental I. Como se trata de uma variante [0] tida como forma estigmatizada, caracterizada pelo baixo grau de escolaridade, nota-se que à medida que se eleva o grau de escolaridade aumenta-se também a marcação de plural [MP] nos SNs, pois enquanto o grupo que tem até 4 anos de escolaridade atingiu 13,78% de MP e 86,22% de ÑMP, o grupo com até 8 anos de escolaridade chegou a 25,71% de MP e apenas 74,28 de ÑMP nos SNs. Acreditamos que é um acréscimo considerável, conforme aumenta o nível de escolaridade. Na sequência, vejamos os resultados do *corpus* II apresentados na tabela 3:

Tabela 3. Percentagem de MP e ÑMP nos SNs na fala de 8 informantes de Pequizeiro-TO, de acordo com as variáveis sociais

Variáveis Sociais	MP		ÑMP		Total	
	Aplic./Total	%	Aplic./Total	%	Total	%
Masculino	54/176	30,69	122/176	69,31	176	100
Feminino	59/203	29,06	144/203	70,94	203	100
De 25 a 50 anos	65/184	35,33	119/184	64,67	184	100
Mais de 50 anos	48/195	24,62	147/195	75,38	195	100
Fundamental I	48/174	27,58	126/174	72,42	174	100
Fundamental II	65/205	31,70	140/205	68,30	205	100
Total Geral	113/379	29,82	266/379	70,18	379	100

Fonte: Silva (2009, p. 35)

Os resultados da tabela 3 mostram um fato surpreendente no *corpus* II da pesquisa, pois os homens tendem levemente a evitar a marcação [0] nos SNs, e com as mulheres ocorreu o contrário, ou seja, a marcação de plural [MP] na fala dos homens é de 30,69%, enquanto que com as mulheres é de apenas 29,06%. Esses percentuais mostram que apesar de muitos estudiosos afirmarem que as mulheres tendem a usar a língua padrão porque esta trás prestígio social ao falante (PAIVA, 2004; MILROY; MILROY, 1997), na comunidade de Pequizeiro-TO isso não se confirmou, pois os homens falam com mais cuidado que as mulheres, já que preferem o uso da variedade padrão.

Conforme se pode observar nas tabelas 2 e 3, os resultados apresentados pela variável sexo em Pequizeiro e Palmeirante foram contrários, pois a marcação de plural [MP] pelos homens nesta comunidade foi de 16,24% e com as mulheres chegou a 24,31%. Considerando os resultados a partir da variável sexo de ambas as pesquisas, seria preciso investigar os domínios sociais que os grupos de mulheres e homens convivem em Pequizeiro e Palmeirante, pois o ambiente social pode representar um fator determinante na variação linguística dos falantes. (LABOV, 2008)

Com relação aos resultados expressos a partir da variável faixa etária na tabela 3, percebe-se que os informantes que têm entre 25 e 50 anos usam com mais frequência a variante padrão [s] do que os informantes com mais de 50 anos. Os informantes com idade entre 25 e 50 anos marcaram plural [MP] em 35,33% das ocorrências, e os que têm mais de 50 anos marcaram plural [MP] em apenas 24,62% das ocorrências. Trata-se de uma grande diferença, uma vez que os informantes mais novos têm uma preferência bastante elevada pela variante padrão [s] em comparação com os mais velhos. E isso pode ser explicado com base nas diferenças culturais nas quais eles foram criados. Ademais, as pessoas mais idosas podem apresentar mais dificuldades para se expressarem que os jovens. Contudo, vale ressaltar que essa oscilação faz parte do processo de variação linguística, conforme a estratificação social.

Além disso, é preciso ressaltar que a outra variável social ilustrada na tabela 3 que distanciou os dois grupos foi a escolaridade. Os resultados mostram maior frequência de marcação de plural [MP], nos SNs, pelos informantes que têm o fundamental II, pois estes atingiram 31,70% de MP e 68,30% de ÑMP. Já os informantes que têm o fundamental I alcançaram apenas 27,58% de MP e 72,42% de ÑMP. Não é uma grande diferença, mas podemos afirmar que quanto maior o grau de escolaridade, maior é a tendência de usar a variante padrão e a marcação [s]. Isso reforça a importância das políticas públicas de ensino, voltadas para educação de qualidade e acessível a todos os cidadãos. Por último, vejamos os resultados ilustrados pelos *corpora* das duas pesquisas na tabela 4:

Tabela 4. Percentagem de MP e ÑMP nos SNs na fala de 8 informantes de Palmeirante-TO e Pequizeiro-TO

Variáveis Sociais	MP		ÑMP		Total	
	Aplic./Total	%	Aplic./Total	%	Total	%
Masculino	99/453	23,47	354/453	76,53	453	100
Feminino	130/495	26,69	365/495	73,31	495	100
De 25 a 50 anos	109/412	27,32	303/412	72,68	412	100
Mais de 50 anos	120/536	22,87	416/536	77,13	536	100
Fundamental I	83/428	20,68	345/428	79,32	428	100
Fundamental II	146/520	28,71	374/520	71,29	520	100
Total Geral	229/948	24,16	719/948	75,84	948	100

Fonte: Elaboração do autor, Colinas, 2010.

A partir do cruzamento dos dados das tabelas 2 e 3, podemos visualizar dados importantes que caracterizam a fala de tocantinenses na tabela 4. Conforme se pode observar os resultados da variável sexo, a marcação de plural [MP] pelos homens foi de apenas 23,47% e a ÑMP chegou a 76,53%. Por outro lado, com as mulheres a MP foi de 26,69% e a ÑMP 73,31%. Como já abordamos essa questão anteriormente ao analisar os dados de Palmeirante (cf. tabela 2), a tendência é a mulher preferir a variante padrão (de maior prestígio social) a não-padrão. E pelos dados gerais apresentados, esta pesquisa realizada aqui no Tocantins corrobora o que muitos estudiosos já constataram, pois Milroy & Milroy (1997) afirmam que:

Thus the fact that females tend to speak more ‘carefully’ than males has been interpreted as arising from a desire on their part to acquire social prestige through

their speech, as they could not traditionally acquire this through career success – as males could. (p. 55)⁵

Como se observa nesse trecho, o sexo é uma variável social muito importante, que pode influenciar diretamente nos resultados de uma pesquisa sociolinguística variacionista. Aqui, embasados em resultados de pesquisas, os autores afirmam que as mulheres tendem a usar a variante padrão, já que elas parecem não conseguir status social com tanta facilidade quanto os homens. Assim, poderão conseguir reconhecimento por meio da linguagem que usam. Isso também revela as fronteiras das relações sociais através do uso das variantes linguísticas. Desse modo, se os critérios de coleta e análise de dados forem respeitados, será possível levantar dados capazes de evidenciar, através da análise quantitativa, as variações reais e a tendência à mudança, ou não, na fala de uma comunidade.

Quanto aos resultados apresentados na tabela 4 relacionados à variável faixa etária, nota-se que os informantes que têm entre 25 e 50 anos usam com mais frequência a variante padrão do que os informantes com mais de 50 anos. Assim, os informantes com idade entre 25 e 50 anos marcaram plural [MP] em 27,32% das ocorrências de SNs e a ÑMP ficou com 72,68%. Já aqueles informantes que têm mais de 50 anos marcaram plural [MP] em apenas 22,87% das ocorrências de SNs, sendo 77,13% de ÑMP. Portanto, podemos afirmar que não há ainda, na unidade analisada, uma tendência à mudança linguística (CHAGAS, 2005), pois o grupo mais jovem é que dará continuidade ao uso da língua por mais tempo.

Além disso, os resultados da pesquisa expressos na tabela 4 mostram ainda que à medida que se aumenta o nível de escolaridade dos informantes, também se eleva a marcação do plural [MP] nos SNs. Desse modo, na fala do grupo de informantes que tem até 4 anos de escolaridade (Fundamental I) a MP foi de 20,68% e a ÑMP chegou a 79,32%. Em contrapartida, com o grupo com até 8 anos de escolaridade (Fundamental II) a MP foi de 28,71% e a ÑMP 71,29%. Como não foi possível trabalhar com outro nível de escolaridade nesta pesquisa, cabe, então, a outros estudos incluírem um grupo de informantes com Ensino Médio ou Superior para checar as ocorrências abordando essa variável social nas comunidades estudadas, e assim verificar se realmente haverá elevação significativa na marcação de plural [MP] nos SNs.

Com base nos resultados, podemos afirmar que a relação direta identificada na análise quantitativa dos dados desta pesquisa aqui no Tocantins parece não ser tão diferente dos resultados de pesquisas realizadas em outras regiões sobre essa mesma unidade linguística (cf. SCHERRE; NARO, 1998). Como em nossa pesquisa analisamos a marcação de plural nos sintagmas nominais (SNs), os resultados confirmam uma tendência do PB, pois no geral a marcação de plural [MP] foi de 24,16% e a ÑMP chegou a 75,84%. O estudo também evidencia a importância das variáveis sociais dos informantes para as pesquisas sociolinguísticas variacionistas, ao demonstrar como o nível de escolaridade, o gênero/sexo e a idade são decisivos na escolha de variantes. É importante ressaltar que para Labov (2008, p. 251), “Em toda comunidade existem falantes que têm mais consciência do que outros das formas prestigiosas de falar e cujo comportamento é mais influenciado pelos padrões externos de excelência. (...)”

Considerações finais

⁵ Versão em português da citação: “Desta maneira, o fato de que as mulheres tendem a falar mais cuidadosamente que os homens tem sido interpretado como surgimento de um desejo da parte delas para adquirir prestígio social através de sua fala, já que tradicionalmente elas não poderiam adquirir isto através do sucesso numa carreira – como os homens poderiam”.

Agora, de posse desse “ínfimo” panorama da variação linguística do PB falado no Tocantins, representado pela fala das comunidades das cidades de Palmeirante e Pequizeiro, podemos afirmar que o resultado é de grande relevância, pois não é preciso comer o bolo inteiro para termos noção ou conhecer o sabor dele. O vocábulo *ínfimo*, neste contexto, traduz a relação entre o tamanho desta pesquisa com a grandeza do campo de estudo sociolinguístico que se encontra inexplorado no Estado do Tocantins.

Por meio desta pesquisa, é possível conhecer um pouco do perfil do comportamento linguístico dos falantes palmeirantenses e pequizeirenses em relação a marcação de plural nos SNs. Apoiando-nos no referencial teórico fornecido pela bibliografia sociolinguística, e, em alguns estudos sobre os fenômenos linguísticos, podemos corroborar algumas de nossas hipóteses, fortalecendo assim a base para darmos continuidade aos estudos variacionistas sobre outras unidades linguísticas nessa região do Brasil.

Acreditamos também que os resultados obtidos, por um lado confirmam a hipótese de que é uma tendência não só regional, mas nacional, a não-marcação de [s] nos nomes e adjetivos dos SNs no plural, que por outro lado confirmam também que as mulheres “capricham” mais na fala do que os homens. Assim, mais uma vez, voltamos a reiterar que no geral a MP nos SNs foi de 24,16% e a ÑMP foi de 75,84%.

Além disso, é importante ressaltar que as comunidades estudadas vivem um pouco isoladas de grandes centros urbanos. É provável que esse baixo índice de marcação de plural [s] pelos informantes esteja indiretamente ligado à falta de uma política educacional mais eficaz na rede pública de ensino desses municípios, pois quando se compara os percentuais de acordo com o nível de escolaridade a diferença é bastante significativa.

Para descrever esse processo de variação linguística, foi necessário conhecer o processo de formação histórica e a constituição sócio-cultural desses municípios, pois é dentro desse universo que surgiu a comunidade de fala. Assim, algumas ocorrências como

- (13) “As data**0** comemorativas que influíam, hoje em dia não, o povo mudaram.” (MAIPT)
- (14) “Meus peixe**0 tudo** é pequeno.” (FAIPT)
- (15) “As lei**0** tá **tudo** diferente.” (MBIIPT)
- (16) “Naquelas épocas atrás, **tudo** mundo tinha o paiol de arroz.” (MBIIPT)
- (17) “Os porco**0**, nós levou **tudo** pra onde nós fomo**0**.” (FBIPT)
- (18) “Porque as coisa**0** era **tudo** difícil.” (FBIPT)

merecem um estudo mais detalhado, pois em (13) a marcação [0] no nome (núcleo) e [s] no determinante e no adjetivo é um caso que chama bastante a atenção, pois outros resultados apontam que geralmente é o adjetivo que tem marcação [0], enquanto o nome recebe [s]. No caso dos exemplos (14), (15), (16), (17) e (18) o curioso é a variante *tudo*, que substitui *todo(os/as)*. E constatamos que “15” não foi a única ocorrência dessa natureza presente nos *corpora*. Portanto, essas variantes corroboram a necessidade de estudos específicos sobre elas.

Observando ainda os dados apresentados nas tabelas 2 e 3, podemos afirmar que uma pesquisa sobre uma variante do Português falado no Brasil pode sofrer oscilações de acordo com cada uma das regiões geográficas, já que temos uma língua usada em extensão continental. E isso ficou evidente em Palmeirante e Pequizeiro, apesar destas duas comunidades de fala estarem localizadas no mesmo estado e separados por apenas 180 km. Além disso, é preciso que o sociolinguista esteja bastante atento quanto aos critérios adotados para seleção dos informantes que irão fornecer dados para o *corpus*. Assim, em qualquer pesquisa sociolinguística variacionista, é necessário ater-se para as variáveis sociais dos informantes, bem como: origem, permanência, contexto, faixa etária, nível de escolaridade, nível econômico, etc., pois são fatores fundamentais para compreender um fenômeno de variação ou mudança linguística na fala de uma comunidade. E, com base nesses princípios,

podemos afirmar que os resultados da nossa pesquisa apontam para marcação de plural nos SNs em algumas direções, a saber: 1- Quanto aos fatores sociais, as mulheres tendem a utilizar mais a variante padrão que os homens; 2 - Analisando os dados sob a ótica da variável escolaridade, os resultados mostram uma maior aplicação da marcação de plural pelo grupo com até 8 anos de escolaridade (Fundamental II); 3 – Em se tratando da variável faixa etária, os informantes que têm entre 25 anos 50 anos jovens tendem a usar a variante padrão [s] mais que os informantes com mais de 50 anos. Portanto, são resultados que mostram um pouco do perfil linguístico tocantinense, e também nos permite conhecer um pouco melhor o fenômeno da variação na marcação de plural nos sintagmas nominais no Tocantins.

Referências

- AQUINO, Napoleão A. A construção da Belém-Brasília e suas implicações no processo de urbanização do Estado do Tocantins. In: GIRALDIN, Odair (Org.) **A (trans)formação histórica do Tocantins**. Goiânia: UFG, 2004. p. 312-350
- BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática do português: cursos de 1º e 2º graus**. São Paulo: Nacional, 1976.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.) **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2005. Vol. I, p. 121-140.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.
- CAMARA Jr., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CAVALCANTE, Maria do E. S. Rosa. **Tocantins: o movimento separatista do Norte de Goiás, 1821-1988**. São Paulo: A. Garibalde/Ed. da UCG, 1999.
- CHAGAS, Paulo. A mudança linguística. In: FIORIN, José Luiz (Org.) **Introdução à linguística**. São Paulo: Contexto, 2005. Vol. I, p. 141-163.
- DUBOIS, Jean et Al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola: 2008.
- LYONS, John. Algumas escolas e movimentos modernos. In: LYONS, John. **Linguagem e linguística: uma introdução**. Rio de Janeiro: LTC, 1987. p. 201-218.
- MILROY, James; MILROY, Lesley. Varieties and variation. In: COUKMAS, Florian. **The handbook of sociolinguistics**. Oxford-UK: Blackwell, 1997. p. 47-64
- PAIVA, Maria da Conceição. A variável gênero/sexo. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (orgs). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 33-42.
- PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1996.
- SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In: Ruffino, Giovanni (org.) **Dialettologia, geolinguística, sociolinguística**. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, n. 5, p. 509-523, 1998.
- SILVA, Cícero da. **Processo de variação e mudança na fala de uma comunidade tocantinense: um estudo preliminar**. Araguaína: UFT, 2006. 46p. Monografia (Especialização *Lato Sensu* em Leitura e produção escrita) – Universidade Federal do Tocantins.
- SILVA, Patrícia de Oliveira. **A variação na marcação de plural nos sintagmas nominais na fala de sujeitos residentes em Pequizeiro/TO**. Colinas do Tocantins: FIESC, 2009. 40p. Monografia (Conclusão do curso de Letras) – Faculdade Integrada de Ensino Superior de Colinas do Tocantins.
- SILVA, Maria C. Pérez de Sousa; KOCH, Ingedore G. Villaça. **Linguística aplicada ao português: sintaxe**. São Paulo: Cortez, 2000.
- TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1990.